IstoÉ machismo: operações de sentido através de estereótipos de gênero

Caren Leticia Pereira Giacomelli [1]

Palavras-chave: Gênero; política; mídia; IstoÉ; estereótipos.

RESUMO EXPANDIDO

O artigo proposto aqui é parte do projeto de pesquisa que busca analisar a forma como as mulheres em situação de poder na América Latina são retratadas pela imprensa, em especial, nas coberturas de revistas do Brasil e da Argentina.

A representação da mulher na mídia está submersa em uma série histórica de estereótipos femininos que representam sua generalização social, resultado de um sistema patriarcal enraizado culturalmente nas comunidades mundiais. Essa condição coletiva à qual a mulher está submetida é rechaçada pelos movimentos feministas há muito. No início, de forma isolada e questionando a igualdade de valor entre homens e mulheres. Depois, passando a uma discussão mais crítica da necessidade de extensão ao gênero feminino dos direitos individuais garantidos ao masculino, até chegar aos debates de empoderamento e presença feminina nas esferas públicas.

Sendo as condições de gênero determinadas culturalmente pelos grupos nos quais os cidadãos estão inseridos, a situação das nações marcadas pelo colonialismo se apresentam como locais propícios aos enfrentamentos de poder, pois países como os da América Latina tiveram desenvolvimento comprometido por interesses exploratórios, as democracias constantemente ameaçadas e a educação deficitária, e a evolução dos direitos sociais foi atrasada em comparação a outras nações como as da América do Norte e Europa, por exemplo. Condições que permitem grande interferência dos meios de comunicação no aprimoramento das culturas desses territórios, dado seu espaço privilegiado de reprodução e difusão de discursos e significados.

Portanto, é possível, como defende Biroli (2010), pensar a mídia como "esfera que participa ativamente da reprodução ou da transformação de práticas, valores e instituições que configuram as formas atuais da representação e da participação política nas democracias e legitimam as formas assumidas pelas relações de gênero". E foi justamente a América Latina que concentrou o maior número de mulheres eleitas presidentes de seus países ao mesmo tempo na última década: Cristina Kirchner (mandato de 2007 a 2011 e

[1] Instituição: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

2011 a 2015), Dilma Rousseff (Brasil, de 2011 a 2015 e 2015 a 2016), Michelle Bachellet (Chile, de 2006 a 2010 e 2014 a 2017) e Costa Rica (Laura Chinchilla, 2010 a 2014). A escolha de representantes do sexo feminino para governantes, em um território marcadamente dominado por oligarquias políticas patriarcais, demonstra uma dinâmica social interessante. Mas, como a mídia se adaptou a esse reajustamento de representações de gênero? Muitos materiais demonstram que, quando se trata de mulheres e política, a imprensa age como reprodutora de estigmas ou recorre à estereótipos de gênero para comunicar o que pretende. Esse é o caso do material analisado neste artigo que recorta do restante da pesquisa um acontecimento midiático específico: a publicação, pela revista IstoÉ, em 06 de abril de 2016 (ano 39 - nº 2417), de matéria de capa sobre o que chamou de "As explosões nervosas da presidente", onde traz uma fotografia de Dilma Roussef com a boca aberta, em semblante de grito.



A edição traz reportagem de oito páginas que abre com a manchete "Uma presidente fora de si", e lead que diz: "bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que a iminência do afastamento fez com que Dilma perdesse o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país" (p. 32), onde é possível observar operações discursivas que podem direcionar a compreensão do leitor, como o uso de expressões, cores, construções frasais, entre outras estratégias, já que a matéria, sem fonte oficial - usa interlocuções como "assessores palacianos", "segundo relatos", "um integrante do primeiro escalão do governo", "um de seus assessores", "outro interlocutor frequente", "um importante assessor" -, sugere que a presidente "se entope de calmantes" que "nem sempre surtem efeitos" (p. 33) e abusa de valorações e adjetivações como incapaz,

despautério, descompostura, destempero, irascível, agressiva, surtos, negação da realidade, entre outros[2].

A publicação recorre ao que Eliseo Verón chamou de *metáforas visuais,* quando analisou casos facilmente assimiláveis a esse.

> "Aqui se está o mais longe possível do emprego clássico das imagens na imprensa informativa. Por intermédio de uma retórica que deve ser sempre muito simples e muito explícita na construção de suas figuras, a espetacularidade texto/imagem é, neste caso, total" (Verón, 2004, p. 177).

Na intenção de compreender como o discurso veiculado contribui para reforçar ou perpetuar a ideia dominante de diferença entre homens e mulheres e quais as estratégias usadas pela IstoÉ neste caso, o trabalho concentra esforços em analisar o discurso, as operações discursivas presentes no conteúdo apresentada pela revista. São, para tal, trabalhados conceitos de operações e estratégias discursivas para buscar compreender as *condições de produção* e as *gramáticas de reconhecimento,* a partir das colocações de Eliseo Verón, para quem "a imagem de imprensa testemunhal tem o estatuto semiótico de verdadeiro fragmento de realidade; seu valor repousa inteiramente na singularidade irredutível, única, daquilo que ela consegue mostrar [...]" (Verón, 2004, p.169), *imaginário social* que acaba por conferir grande poder à mídia. Lhe dá a capacidade de reprodutora da verdade, sem espaço para questionamentos e sem dúvidas. Essa condição de centralidade garante sua influência na construção de sentido, de comportamentos e criação ou manutenção de estruturas culturais de uma sociedade. "Os fatos são uma coisa, as opiniões e as interpretações da mídia são uma outra, e a objetividade se mede pela manutenção escrupulosa da fronteira entre uns e outras" (Verón, p.170).

Em Verón também é possível encontrar indícios para pensar os motivos de construções como a feita pela revista IstoÉ, que precisou recorrer, na capa, ao uso de uma fotografia recortada de contexto diferente para que imagem e texto pudessem se articular e produzir sentido[3]. O autor, inclusive, considera que as modalidades de enunciação nas

[2] Em 02 de agosto, a revista IstoÉ foi condenada, pela Justiça do Distrito Federal a conceder direito de resposta à presidente afastada. A reportagem foi considerada ofensiva e a 18ª Vara Cível de Brasília negou recurso impetrado pela editora Três, dona da revista, determinando que o veículo publique, com o mesmo destaque e dimensão da matéria questionada, a manifestação de Dilma Rousseff. A juíza do caso entendeu que a presidente afastada tem direito à resposta, "tendo em vista as colocações acerca das condições psicológicas e comportamento da demandante nos dias que antecederam julgamento importante com relação ao seu mandato [impeachment]". Na sentença, ela comenta: "Ser objeto de publicação a pessoa ocupante da Presidência da República não autoriza qualquer meio de comunicação a divulgar deliberadamente quaisquer informações escondendo-se sob o manto do direito de informação, uma vez que tal direito tem de ser guiado pela veracidade do conteúdo publicado".

[3] A imagem da capa da revista circulou, principalmente nas redes sociais, gerando uma série de protestos contra a publicação que foi considerada machista e misógina. Um dos movimentos vinculava as pessoas

capas das revistas são um fator crucial na construção dos contratos de leitura. Elas trazem elementos que anunciam um "enunciador pedagógico, que pré-ordena o universo do discurso na intenção do leitor, que vai guiá-lo, responder perguntas, explicar, informá-lo, [...]" (Verón, 2004, p. 223).

Certamente que não se pretende aqui esgotar o universo de leituras possíveis para exemplares midiáticos como o que se apresenta nesse artigo, mas sim contribuir com a observação dos aspectos que entrelaçam mídia, gênero e poder.

Referências

BIROLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política », Revista Crítica de Ciências Sociais[Online], 90 | 2010, colocado online no dia Pg. 45 a 69. Disponível em https://rccs.revues.org/1765

Revista IstoÉ. São Paulo: editora Três, 2016, ano 39 - nº 2417.

VERÓN, Eliseo. Espaços de suspeita. In: **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 159-212.

_____. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 215-238.

através do uso de uma hashtag (ferramenta de indexação): #IstoÉmachismo, termo ao qual o título deste artigo faz referência.